

# AMORES NOVOS

Edição de

Carina Guerreiro  
Carla Henriques  
Cláudia Ferreira  
Susana Balbino

Coordenação de Ângela Correia

BIBLIOTRÓNICA  
PORTUGUESA

Junho 2008

# Índice

## Nota editorial

[Introdução](#)

[Descrição do livro](#)

[Normas de transcrição](#)

## Fac-símile da capa

## Transcrição

[Rosto do livro](#)

[AMORES NOVOS](#)

[A' MEMORIA DE MEU PAE](#)

[Dedicatoria](#)

[Non nova, sed nove.](#)

[A Cruz](#)

[Ballada dos chocalhos](#)

[Lume apagado](#)

[Elegia das candeias](#)

[Elegia da Varanda Portuguêsa](#)

## **CANÇÕES**

Canção do Pó  
Canção do caruncho  
Canção do degredado  
Canção do povo

## **AS DANÇAS POPULARES**

O vira  
O regadinho  
A ciranda  
O malhão

## **SONETOS**

Poesia dos caminhos  
A ultima volta  
Madrugada  
O correio rural  
Velha fabula  
Gottas d'agua  
Cinzas dos lares  
Troncos nus  
Inverno agreste

O olhar de Deus  
Velha amiga  
Saudade  
Lei do mundo  
O nicho  
Extrema uncção

## **INDICE**

## **Nota editorial**

### **Introdução**

A edição que aqui apresentamos foi preparada a partir da primeira edição, e única conhecida, da obra *Amores Novos*, de Henrique Trindade Coelho, publicada, em 1911, pela Livraria Editora Cernadas & C.ª.

Henrique Trindade Coelho (1885-1934), filho do escritor José Francisco Trindade Coelho, formou-se em Direito, tendo desenvolvido diversas actividades ao longo da vida. Foi escritor e jornalista, tendo chegado a dirigir o jornal *Século*, além de ter sido titular de certos cargos políticos e diplomáticos de relevância. Além desta obra que agora se edita em suporte digital, publicou *Carvões*, em

1907, *Ferro em Brasa*, em 1913, e *Prosas e Versos de Belchior da Nóbrega*, em 1920<sup>1</sup>.

A escolha desta obra, além do interesse literário que nos pareceu ter, foi orientada pelo facto de a edição em suporte de papel não ter tido grande divulgação e de ser, actualmente, de difícil acesso. Na verdade, a busca por vários bibliotecas públicas levou-nos a encontrar um único exemplar na Biblioteca Nacional de Portugal, incluído num volume miscelâneo (cota: L. 25870//12 P.).

Foi este o exemplar a que recorremos para prepararmos a presente edição em suporte digital.

---

<sup>1</sup> Lisboa, Eugénio (coord.); *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro – Ed. Publicações Europa-América, Volume III, 1994.

## Descrição do livro

A edição em papel que se procura reproduzir tem uma capa verde-cinza e, além do nome do autor, do título e do habitual rodapé com indicação da editora, respectiva morada, data e local de edição, a capa inclui um subtítulo que procura dar conta do que poderá o leitor encontrar dentro do livro: “VERROS”. Em posição central e ocupando portanto lugar de destaque na organização da capa, encontra-se o timbre da editora, que reproduzimos à direita. Como se pode ler, o timbre é encimado pelo que terá sido o lema da editora (“VICOR · ET · LABOR” – vigor e trabalho). Encontrámos este mesmo timbre na capa de outras obras editadas pela mesma



editora, sem outra relação possível entre elas<sup>2</sup>.

Na contracapa do livro foi impressa uma lista de obras publicadas pela editora.

O livro em papel tem um total de 100 páginas, cujo preenchimento por texto obedece a regras relativamente simples. De facto, o princípio fundamental é começar texto novo em página ímpar, o que implica, frequentes vezes, deixar páginas em branco. É também regra da organização do livro a inserção de folhas com a função de separadores, onde apenas se imprimiu, no recto, uma linha cujo conteúdo diz respeito ao conjunto de textos que se segue. É o caso da dedicatória ao pai (“A' MEMORIA DE MEU PAE”, p.5), da epígrafe (“*Non nova, sed nove.*”, p. 11), do conjunto de títulos que agrupam os

---

<sup>2</sup> Por exemplo: Mantua, Bento; *Novo Altar: Um Acto em Verso*; Má Sina: *Peça em Três Actos*, Lisboa; Castro, Cacilda de; *Merlim e Veviana: Acto em Verso*, Lisboa; Oliveira, António Corrêa d'; *Auto das Quatro Estações*, Lisboa.

poemas em três conjuntos genológicos: “CANÇÕES” (p. 35), “AS DANÇAS POPULARES” (p. 55), “SONETOS” (p.65) e, por fim, do “ÍNDICE” (p. 97)<sup>3</sup>.

Antes das canções, foi reunido um primeiro conjunto de poemas que, sendo misto do ponto de vista do género (foram incluídas por exemplo uma “Ballada” e duas “Elegias”), não recebe título de conjunto.

Entre a dedicatória ao pai (p. 5) e a epígrafe (p. 11), foi impresso, entre a p. 7 e a p. 9 um poema que se distingue dos outros por ter sido impresso em itálico e por não ter título. O índice, e apenas o índice, chama-lhe “Dedicatoria”. Não há, no entanto, relação

---

<sup>3</sup> Acreditamos que este separador não estaria no planeamento original da estrutura da obra. Os indícios são vários: a) o número de página que lhe é atribuído repete-se, na página inicial do índice do livro, duas páginas à frente; b) o título (“Índice”) também se repete, no início do próprio índice c) o tipo de letra é diferente do usado nos outros separadores.

entre este poema e a dedicatória à memória do pai. De facto, o poema assenta, em grande parte, na repetição da sintaxe própria de uma dedicatória: “A’ jeunesse dorée da Capital [...] A’ multidão vadia das esquinas [...] Ao comensal das mezas dos hoteis [...] A’ Lisboa estrangeira [...] Eu dedico este livro [...]”.

A numeração das páginas (sublinhada por um filete de cerca de dois centímetros) ocorre na margem superior, à esquerda, nas páginas pares, e à direita, nas ímpares. Nem as páginas em branco, nem os separadores, nem as páginas onde começam os poemas foram numerados.

À excepção do primeiro poema, que como já se explicou não tem título, o início dos poemas distingue-se pelo título (tipo de letra maior), por vezes por uma dedicatória (ou a

indicação “(*Copia do natural*)” e por uma ocupação da página que deixa uma margem superior maior. Dois filetes marcam o fim dos poemas que deixam ainda espaço livre na página.

De 16 em 16 páginas, foi impresso, no rodapé da página, o título da obra em maiúsculas (à esquerda) e em tamanho reduzido, ao qual se acrescentou uma numeração crescente (encostada à direita). Duas páginas à frente (excepto em separadores de capítulos), foi apenas impresso no lugar da referida numeração um asterisco<sup>5</sup>. Estas ocorrências dão-se de 16 em 16 páginas, encontrando-se a primeira ocorrência na p. 17 (“AMORES NOVOS 2”). Estas indicações relacionam-se com a constituição e

---

<sup>5</sup> O primeiro ocorre na p.19 . O da p. 51não foi impresso.

sequência de cadernos<sup>6</sup> e teriam a função de assegurar uma ordenação correcta dos mesmos.

No exemplar da edição em papel que transcrevemos, guardado, como já dissemos, num volume miscelâneo na Biblioteca Nacional, foram coladas, por cima dos rebordos da capa, quatro tiras de papel mais espesso e de outra cor, com uma largura de cerca 2 cm, cujo objectivo terá sido impedir que a capa se deteriorasse. É na tira colada sobre o rebordo superior que se pode ler a cota mauscrita a tinta permanente: L. 25870<sup>12</sup>, correspondendo esta cota ao antigo método de catalogar da BN.

---

<sup>6</sup> Um fólio dobrado três vezes.

Na folha de rosto, onde foi reproduzida a capa, usaram-se vários carimbos: um indicador da propriedade da Biblioteca Nacional, um provável indicador da forma de ingresso do livro na biblioteca (“OFERTA”) e, finalmente, um numérico, a que se juntaram duas letras manuscritas, correspondentes talvez à cota do exemplar, antes de ser integrado no volume miscelâneo.

## **Normas de transcrição**

A presente edição apresenta-se em tamanho A5, a fim de facilitar a leitura no monitor. A edição reproduz o texto tal como se encontra na primeira e única edição em papel, não tendo sido feita nenhuma actualização ou alteração ortográfica. Havendo uma divergência entre o título do poema “Cinzas<sup>7</sup> dos lares” (p.79) e o correspondente no índice, optou-se pela lição deste, sobretudo porque, no poema, a única ocorrência da palavra é no plural.

Foi criada uma capa para o livrónico, que nada tem a ver com a capa do livro em papel. Desta é dada uma imagem, que nos dispensou de uma descrição mais pormenorizada. Foi também elaborado um índice para a presente edição, ao qual se

---

<sup>7</sup> na p.79 “Cinza dos lares”, no índice “Cinzas dos lares”.

acrescentaram as hiperligações (a azul) indispensáveis. Este índice dá, pois, ligação automática a cada secção e poema do livrónico, cuja última palavra se encontra também, por comodidade, hiperligada ao índice.

A numeração das páginas da presente edição não corresponde à numeração da edição em papel, devido à eliminação de páginas em branco. Também não foi reproduzida aqui a linha de caracteres relativa aos cadernos e respectiva sequência.

O índice do livro foi integralmente transcrito, pois contém informação que não se encontra no livro (p. ex. o título do primeiro poema), além de conter informação eventualmente útil sobre a estrutura e organização da edição em papel.

Os erros indicados na errata foram corrigidos (sem indicação) e a errata foi dispensada. Foi igualmente dispensada a transcrição da contracapa, onde se encontra apenas uma lista de obras publicadas pela editora.

Conservámos, na medida do possível, a mancha gráfica do livro em papel, pelo que o texto contido numa página do livro em papel é exactamente o mesmo texto contido numa página do livrónico.

Mantivemos a relação de tamanhos nos títulos e no restante texto, bem como nos espaçamentos. Optámos, no entanto, pela fonte Arial (tamanho 12) para o corpo do texto (nota editorial e poemas). Reproduzimos os itálicos e negritos, tal como ocorrem na edição em papel, e todos os filetes, à excepção dos que sublinham o número de página.

Eliminámos o espaço que separa os sinais de pontuação da palavra precedente.

Com o objectivo de proporcionar ao leitor do livrónico uma leitura mais apoiada, os versos foram numerados (de cinco em cinco), o que não se verifica na edição em papel.

HENRIQUE TRINDADE COELHO

# AMORES NOVOS

VERSONS



1911

CERNADAS & C.ª — LIVRARIA EDITORA  
190 — Rua Atreia — 192  
LISBOA

**Fac-símile da capa**

HENRIQUE TRINDADE COELHO

---

# AMORES NOVOS

VERSOS

VIGOR · ET · LABOR

1911  
CERNADAS & C.ª – LIVRARIA EDITORA  
190 – Rua Aurea – 192  
**LISBOA**

# AMORES NOVOS

TYP. DA EMP. LITTER. E TYPOGRAPHICA  
◊ (Oficinas movidas a electricidade) ◊  
Rua de D. Pedro, 178 a 184 ◊ PORTO

DO MESMO AUCTOR

---

CARVÕES, versos, 1907.

---

HENRIQUE TRINDADE COELHO

---

# AMORES NOVOS

VERSOS

VIGOR · ET · LABOR

1911  
CERNADAS & C.ª – LIVRARIA EDITORA  
190 – Rua Aurea – 192  
**LISBOA**

## A' MEMORIA DE MEU PAE

*A' jeunesse dorée da Capital  
Traduzida, em calão, de mau francês,  
Filha do adulterio official  
Em quartos d'aluguer e em cotês;*

5. *A' multidão vadia das esquinas,  
De collarinhos altos, trinta e seis,  
Que apenas sabe perseguir meninas  
E olhar as varandas dos hoteis;*

10. *A essa raça amorpha, descendente  
De lacaios, beatas e toureiros  
Que passa a vida a rir de toda a gente  
E, nas hortas, delira entre cocheiros;*

15. *A's donzelas do chic e dos tacões  
Petulantes, batendo nas calçadas,  
Que causam calafrios, sensações,  
E desejos de carnes esmagadas;*

*A's damas que circulam nos passeios  
Ou ao steppado trote dos cavallos  
E que escreveram no à jour dos seios:  
20. «Melhor é 'sp'rimentá-los que julgá-los»;*

*Ao comensal das mezas dos hoteis  
Que adora Sancho e odeia D. Quixote;  
Obediente ao estado, ás suas leis,  
E ás Lólas, nos sabbados á noute;*

25. *Aos loiros e cintados pequenotes  
Que batem de tipoia por Lisboa,  
Com as unhas brunidas das cocottes  
E amizades por ephebos de c'rôa;*

30. *A algumas senhoras elegantes  
Citadas no high-life dos jornaes,  
Com a modista paga p'los amantes  
Quando estes lhes não pagam tudo o mais;*

35 *Ao grande meio ignobil e pelintra  
Com um falso verniz d'aristocrata  
Que mal chegam as vesperas de Cintra  
Recorre á joia, ao Monte-pio, á prata;*

- A' confusa camada de janotas,  
Damasos filhos, que andam por ahi  
No faro de romances idiotas  
40. *E da carne importada de Madrid;*
- A' Cidade do Vicio e da Fallencia,  
Comparsa da revista pornographica,  
Fiel resumo d'uma consciencia  
Tão nacional como a do preto em Africa;
45. *A' Lisboa estrangeira, onde acabaram  
Amor da terra, exemplos do passado,  
E em que a familia, o lar, se abastardaram  
Formando um estado dentro d'outro estado:*
- Eu dedico este livro, todo feito  
50. D'essa ternura vaga, adormecida,  
Que um dia bateu azas no meu peito  
E me voltou os olhos para a vida!*
- E tudo isto que eu agora sinto  
Ao regressar ao povo e á verdade,  
55 Traz-me á memoria o dia em que Jacintho  
Se despediu, na Serra, da **Cidade**...*

*Non nova, sed nove.*

## A Cruz

A ALFREDO DA CUNHA

Entre uma velha herdade abandonada  
E uma casa de campo adormecida,  
Alguem cravou, abençoando a estrada,  
Uma cruz que parece embevecida.

5. Sobre o socalco, mal se pôde ler  
O que esse alguem 'sculpiu por sua mão:  
«Out'r'ora a erigiu certa mulher  
A quem aqui mataram seu irmão».
  
10. De sol a sol, emquanto mãos piedosas  
E lentas se alevantam p'ra o Signal,  
Há gemidos de pombas lacrimosas  
Arrulhando baixinho, n'um pombal.

- Campos em volta, dormem, soalheiros,  
Sob a luz forte, em curvas scismadoras,
15. Com gorgulejos d'aguas de ribeiros  
E a honesta fadiga d'umas noras.
- A cruz, braços abertos ao ethereo,  
Ao socego das coisas e do ar  
E' como a sombra grave d'um mysterio
20. Que as pombas não se cançam de chorar.
- Reside nella a longa paz dos seres.  
Não lucta, não caminha, não germina.  
Romeiro: dize tu, quando me leres,  
Se já não lhe invejaste a sua sina!
25. Vê-a: embebeu-se no eterno somno.  
Olha-a: as suas faces são eguaes.  
Nunca chorou as maguas do Outomno  
Nem o vento a uivar pelos pinhaes!
30. Seivas da terra que dispersam, morrem,  
Odios sem treguas entre os homens, são  
Como as gottas da chuva, quando escorrem  
P'lo seu corpo, uma a uma, até ao chão.

Vós que apenas daes alma ás violetas  
Só vêdes coração onde elle existe,  
35. Vós, não sabeis o que ha, nas linhas rectas,  
De resignado e commovido e triste!

Cruz alva que encaminhas os meus passos  
E os de todos quantos vão perdidos:  
Se a tempestade te partir os braços  
40. Tu tens aqui os meus, já estendidos!

Bemdita seja pois tua tristesa,  
Teu ar, que é o d'um cego para a luz,  
Embora não possuas a bellêsa  
D'aquillo que floresce e que produz.

45. Mas dás-me extranhas sensações absortas  
E uma visão do mundo dolorida!

E' quasi sempre ao pé das coisas mortas  
Que nos lembramos mais do que é a **vida**!

---

## Ballada dos chocalhos

A JOSÉ PESSANHA

- Pobres chocalhos despedaçados,  
Almas de rastros, guias dos gados  
Que vão trotando pelos caminhos:  
Roucos badalos que chocalhaes  
5. Avé Marias, quando os pinhaes  
Todos se tomam da paz dos ninhos:  
  
Vindes de longe, do vosso dia,  
N'uma apagada melancolia  
De som longinquo, o mesmo, um só...  
10. E como havieis vós de tocar,  
Pobres chocalhos a chocalhar,  
Labios em circ'lo, beijando o pó?

- Ai! quantas vezes, quando a tardinha  
E' como a aza d'uma andorinha,
15. Ponta no valle, ponta na serra,  
E no silencio da oliveira  
Por fim repousa toda a canceira  
Do som, da aragem, da luz, da terra,
- O trote rapido das ovelhas
20. Traz á memoria lembranças velhas  
E já desfeitas, como os chocalhos!...  
São contos idos, da mocidade,  
Enovelados na tempestade  
Que levou folhas e deixou galhos!
25. Quando os rebanhos tangem, na estrada,  
Compondo o rhythmo d'uma ballada  
Que vae perder-se p'ra lá, nos montes,  
Choram as rolas mais de mansinho  
E mais baixinho, devagarinho,
30. Cantam nas sombras, glu, glu, as fontes...
- Olha-se em volta: tudo embebido,  
Tudo diaphano, adormecido...  
O azul, ao alto, que desmaiado!

35. Cerram-se os olhos! Ficam chorando,  
Como os chocalhos que vão soando  
N'um som distante, quasi apagado!

Quasi apagado... Quasi... Apagou-se...  
No céu, um astro luziu, fixou-se.  
Não bole folha. E no emtanto  
40. Inda se julga ouvir no ar  
O som humilde do chocalhar  
Como uma sombra desfeita em pranto!...

Pobres chocalhos que assim passaes,  
Vossa garganta cheinha d'ais  
45. N'uma serena resignação:  
Pobres ceguinhas que tudo vêdes,  
Que tendes labios e soffreis sêdes  
E lá puzestes o coração:

Foi Deus, decerto, quem vos creou  
50. Corpos de rastros, tocando o pó,  
Almas de bruços e vozes roucas  
P'rá naturêsa, prenhe de maguas,  
Poder chorá-las nas suas aguas  
E soluçá-las nas vossas **boccas**!

## Lume apagado

*(Copia do natural)*

'Stava um velhinho sentado,  
Soprando brazas ao folle,  
Todo branquinho e asseiado,  
Sem se importar com o sol

5.                   Que fazia  
                         Naquelle dia.

Eis que passa outro velhinho  
Chupadinho e amarello,  
Que parou no seu caminho  
10.                E assim fallou, ao vê-lo:  
                         – Deixa o que fazes  
                         P'ra os teus rapazes!

O velho, sem se importar,  
Continuou a soprar.



O velho, sem se importar,  
Continuou a soprar...



30. O velho, sem se importar,  
Continuou a soprar...

Passa a cavallo o abbade:  
– Ó velho! Ó alma perdida!  
Tu não vês que a caridade,  
É, christãmente entendida,

35. Primeiro nós  
E depois vós?

O velho, sem se importar,  
Continuou a soprar...

40. Vae para a escola um menino.  
– Olha, olha!... Ó tio: deixa  
Fazer um folle pequenino,  
Assim, co'as minhas bochechas?  
Logo, verás  
Que inda ahi estás!

45. O velho, sem se importar,  
Continuou a soprar...

Nisto á janella assomando,  
Um rapaz olha, pasmado,

50. Ao ver o velho soprando  
Cinzas de lume apagado.  
– Coitadinho  
Do ceguinho!

Mas para o não desgostar,  
Deixou-o continuar

55. E disse-lhe: – eu cá, por mim,  
Dava-lhe ahi uma ajuda,  
Mas com trabalho no fim  
De pouco lhe iria a muda.  
Tem mãos capazes  
60. Como os rapazes!

O velho poz-se a escutar  
Quem lhe vinha assim fallar...

65. E erguendo então os parados,  
Os cegos olhos ao sol,  
Os dedos mais aferrados  
A's duas azas do folle

– Já pouco pôde faltar-me.  
Respondeu. E mais baixinho:  
– Que amigos a gente tem!  
70. Todos vieram fallar-me,  
Tudo parou seu caminho  
  
E só este fallou **bem!**

---

## Elegia das candeias

A FERNANDO EMYGDIO DA SILVA

Ó candeias de azeite, humildes, calmas,  
De saudoso e lembrado alumiar,  
Almas de luz tocando as outras almas,  
E lar da chamma dentro d'outro lar;

5.    Azas quietas, azas resignadas  
      Que partistes um dia e não voltaes,  
      E abertas daveis luz de tres pol'gadas  
      P'ra deixardes na sombra tudo o mais;
  
10.   Sopro de vida em nichos e recantos  
      E nas boccas da noite, p'los caminhos,  
      Ponto fixo dos claustros e dos santos,  
      Das meninas dos olhos dos velhinhos;

15. Candeias de luz triste e penitente,  
Livid a e fixa como a luz das brazas,  
Accêas quando a noite, mansamente,  
Pouco a pouco apagava as nossas casas;
20. Companheiras dos frades e dos sabios,  
Dos caminhantes através da serra,  
Das preces distilladas pelos labios  
E das canções das mães da nossa terra;
25. O' guias do Morgado e das Senhoras  
Que tinham vindo á villa seroar  
E recolhiam tarde e a más horas  
Por caminhos escuros, ao solar;
30. O' tremuras em mãos d'afflictos nervos,  
Quando havia doentes, e ao portão  
Esperaveis o medico, que ao ver-vos,  
Extremunhado, resmungava: então?  
Assoprad as candeias portuguêas  
Pela bocca dos annos: onde estaes?,  
Que vos não trazem para as nossas mezas  
E ha tanto tempo as não alumiaes?

Grades desertas, hoje enferrujadas,  
Sem uma luz humilde p'ra coar:  
35. Sois as pupilas mudas e cerradas  
D'uns olhos que não podem já chorar!

Ao pó, agora, recordaes ao menos  
Que num passado de melancolia,  
Alumiastes corações serenos  
40. E fostes como elles, algum dia!

Pobres velhinhas, todas recolhidas  
Na memoria das coisas que passaram:  
Quem sabe se de palpebras cahidas  
Abençoaes as mãos que vos cegaram!?

45. Mas no emtanto, nessa grande leva  
Dos condemnados ao eterno somno,  
Inda brilhaes: entrou-vos dentro a treva  
Que é a serena luz do abandono!

50. Lares da chamma! Almas de luz serena  
Que nunca houve outra mais fiel:  
Suspendi-vos na magua d'esta penna  
Que lançou treze quadras ao [papel](#).

# Elegia da Varanda Portuguesa

A ALBERTO OSORIO DE CASTRO

## O LINHO

Minha amiga do passado,  
Tivemos ambos mau fim!  
Fui em ti espadelado  
E hoje não sabes de mim!

## OS CEREAES

5. O' mãe: leva-nos comtigo  
Não nos deixes aqui estar!  
Que é do nosso berço antigo  
Que qu'remos p'ra lá voltar?

## A TERRA

- Neste celleiro gelado  
10. Até as mãos se arripiam!  
Que é do leito conchegado  
Onde os meus filhos dormiam?

## DOIS MANGERICOS

- Bemditas sejam as mãos  
Que comnosco te enfeitaram,  
15. Boa irmã d'estes irmãos  
Que, longe de ti, murcharam!

## A VIDE

- Sombra d'antigos abraços,  
Com que tristeza me olhas!  
Já te não lanço os meus braços  
20. Nem te engrinaldo de folhas!...

## UM CRAVO ROXO

Em ti me abrigou Maria  
Por João, seu pensamento.  
...Era p'ra ver se eu seria  
Um signal de casamento...

### O ROUXINOL

25. Ó resguardo do bragal,  
Arca santa das alfaias  
E tribuna accidental  
D'onde fallava ás olaias!

### O TERÇO

- Ai! passava todo o anno  
30. A ver se te excommungavam,  
Meu adrosinho profano  
Onde as mulheres me rezavam...

### O POVO

- A' tua sombra nasci,  
Te quiz como a uma filha.  
35. Foi talvez a olhar p'ra ti  
Que inventei a redondilha.

### A VARANDA

- Resguardo da velha casa  
Em conchego e amor accesa,  
Morri co'a ultima braza  
40. Da lareira [portuguêsa](#).

# CANÇÕES

## Canção do Pó

### O HOMEM

Que meu amigo tu és  
Ao pé dos outros tão falsos!  
Pois dás-me beijos nos pés  
Inda que os traga descalços!

### A FLÔR

5. Se me tiras o alento  
A côn, o viço, é que emfim  
Foste assoprado p'lo vento  
Que te elevou até mim.

### A ESTRADA

10.    Eu não sei quem te produz  
      E onde o teu espirito erra.  
      Mas tocas-me: e fico, á luz,  
      A via-lactea da terra.

### O MENINO

15.    Se vê a carteira baça,  
      Conhece-te logo bem  
      Este dedinho, que traça  
      O nome da minha mãe.

### DUAS AMORAS

20.    Ai! somos outras, apenas  
      Mal tu vens poisar em nós.  
      E' por isso que as morenas  
      Põem sempre pó d'arroz...

### O SOL

Concentro o halito. E logo  
Na febre da estiagem,  
Ficas a cinza do fogo  
Que incendiou a paisagem.

## MARTE

25. Entre nós, onde me vês,  
Nenhuma diff'rença acho:  
Sou um grão do que tu és  
N'esses caminhos, lá baixo.

## A GOTTA D'ÁGUA

- A esmola que Deus me cede  
30. Para te dar, é bem pouca,  
Pois p'ra te matar a sêde  
Ponho-te lama na bocca!

## O ESPAÇO

- Se tu, na planicie franca  
Te acamas socegadinho,  
35. Digo: – olha a farinha branca  
Do meu immenso moinho!

## O SINO

- E's a alma que levanta  
O vôo e não volta mais,  
Quando me vens á garganta  
40. E estou dobrando a signaes.

## UMA CABRA

Se do pastor me perdi  
E o pastor me quer achar  
Basta que elle olhe para ti:  
Tu pões-te logo a apontar.

## TRES FIOS TELEGRAFICOS

45. Resumes, para nós, servos  
Da ventura e da desgraça,  
Tensões inúteis de nervos  
Quando o verbo humano passa.

## DEUS

- A nossa una existencia  
50. Quem ha que a possa entender?

## O PÓ

Pois como tu, em essencia  
Tudo sou – sem nada **ser**!

---

---

## Canção do caruncho

A AFONSO LOPES VIEIRA

Sentado nesta cadeira  
Reliquia d'uma capella,  
Olho a mobília estrangeira  
E não me entendo com ella!

5. Mesmo a de boa memoria,  
Portuguêsa velha, sinto  
Que também passou á história  
Como o senhor D. João V.

10. Elle era a cama do frade  
De madeira do Brazil.  
Onde eu, á minha vontade,  
Cerzia renda subtil;

15.     Elle eram bellas cadeiras,  
          Arcas d'aldravas e cintas,  
Graves, nas boas maneiras  
Das fidalguias extintas.
20.     E o grande leito da Madre  
          Rico, de largo docel,  
          Com seus catharros de padre  
Abafadinhos em mel?
- Tudo morreu, acabou!  
Até a graça de Deus,  
Pois passo os dias ao pó  
Em bric-á-bracs – judeus!
25.     Meu Portugal da Conquista,  
          Da caixinha de rapé:  
          Morremos ambos á vista  
          Dos catálogos Gardé!
30.     Porque ao movel de pau santo,  
          Conventual, português,  
          Deu-lhe, ha annos, o quebranto  
          E despediu-se de vez.

Quando chegou a Luiza,  
(Luiz XIII a XVI)

35.      Uma mobilia em camisa  
              Nos aposentos dos reis,

Que fallava em reverencias  
E mesuras de gavótas  
E contava as indecencias

40.      De archiduquêssas garotas,

Começou a qu'rer-me mal  
E a achar-me um ar de capella!  
Foi desde então que afinal  
Me começou a mazélla.

45.      Outr'ora, considerado  
              Por clero, nobrêza e povo,  
              Encontro-me hoje de lado,  
              Maldizendo o sangue novo!

O meu trabalho não medra  
50.      Nem percebe este verniz  
              Que duro como uma pedra,  
              Trezanda, puh! – a Paris!

- Assim eu, um patriota,  
'Stou reduzido hoje em dia
55. A coisas d'Aljubarrota  
No museu d'Artilharia,
- E a quatro moveis partidos,  
Indignos de figurar,  
Lembrando seculos idos
60. No sótão d'algum solar!
- O meu trabalho era doce  
E a minha renda subtil.  
Tão leve, como se fosse  
Toda feitinha a buril.
65. Mal poisava, debuxava  
Quanto imaginava e qu'ria.  
Depois olhava, ligava,  
E em silencio, cerzia.
70. Em silencio...E tanto assim  
Que nunca alterei posponto:  
Sempre que davam por mim  
Já tinha o trabalho prompto.

O' mobilia portuguêsa  
O' meu tear de saudades:  
75. Onde quer que estejas, reza  
Para que voltem os frades!

E com os frades, os reis  
E com os reis, os mosteiros!  
Eu não entendo estas leis  
80. Nem me dou com estrangeiros!

.....

Rei, fidalgo, frade, freira  
Todos tinham carunchice  
85. Não era eu, p'rá madeira,  
Como a gota p'rá **velhice**?

\_\_\_\_\_

## Canção do degredado

A HUMBERTO LALLEMANT

- Levaram-no p'ró navio,  
P'ra uma cella de grades  
D'onde mal vê o ceu baço.  
Quasi fica á flor do rio...
5. E o pobre (terá saudades?)  
Agita de lá o braço!
- Veio dos ferros d'El-Rei.  
E num processo summario  
Com delegado e juiz,
10. Fallou-se, applicou-se a lei  
Que lhe deu destino vário  
P'rás possessões do paiz.

– Deus te guie! Até á vinda!  
Leve-te ao peito Jesus!,  
15. Chora, no caes, cada abraço!  
Só o degredado, ainda  
Por entre as grades em cruz  
Agita, de lá, o braço!

Fôra a parte de vadio.  
20. Não tinha eira nem beira  
Nem emprego official.  
Prendeu-o a policia, ao frio,  
Como a um cão com lazeira,  
Tiritando num portal.

25. No caes o adeus não finda!  
– Filho! vae em boa estrella!  
– Irmão! Deus te guie o passo!  
Só o degredado, ainda  
Por entre as grades da cella  
30. Agita, de lá, o braço!

Para tamanho castigo,  
Fôra o seu crime afinal  
Não ter lareira nem pão,

- Pensava o pobre comsigo.
35. Ai! o Código Penal  
Que o atirára ao porão!
- Cala um velho a magua infinda!  
– Então? Não vaes para o desterro,  
Amparo do meu cansaço!
40. Só o degredado, ainda  
Por entre as grades de ferro  
Agita, de lá, o braço!
- Olhava, da jaula, o caes  
E os felizes que abalavam
45. Podendo acenar a alguem...  
Eram diff'rentes, os mais!  
E os seus olhos choravam  
Por lá não verem ninguem!
- Em terra, uma noiva, alinda  
50. A gravatinha singela  
Do noivo, e refaz-lhe o laço.  
Só o degredado, ainda  
Por entre as grades da cella  
Agita, de lá, o braço!

55. ....

Agora, ao longe, apagado  
Nesse navio, uma estrella  
Na immensidate do espaço,  
Só ainda o degredado  
60. Por entre as grades da cella

Agita, de lá, o **braço**!...

---

## Canção do povo

### O IMPOSTO

Não te deixo terra, lar,  
Nem tão pouco pé de meia.  
Sou como a agua do mar  
Quando está em maré cheia!

### O PROPRIETARIO

5. Cava a terra, dá-me pão,  
Embora só eu o côma.  
Sempre amei a escravidão  
E a velha historia de Roma.

### O ELEITOR

- Meu carneirinho lanzudo  
10. Quando te levo a votar:  
Prometto-te leis e tudo  
Mas depois... fumo no ar!...

### O DEPUTADO

- Nasço de contradicções  
Que não explico nem méço:  
15. Sou das tuas relações  
– Mas nem sequer te conheço!...

### A AUCTORIDADE

- Eu trato-te como, enfim,  
Um pae trata um filho prodigo.  
Não sei ler. Mas para mim  
20. E's como a letra do Codigo.

### O JUIZ

Nós a estudarmos aqui  
Leis que nem sabes que tens  
Quando bastavam, p'ra ti,  
As posturas sobre os cães!

## O CODIGO PENAL

25. Q'rendo que tenhas bom nome  
Começo a zelar-te cedo:  
Se és menor, mato-te á fome,  
Se és maior, vaes p'ra o degredo.

## O PADRE

30. Dou-te um bipartido Deus  
Que em tudo reside e erra:  
O papal, pomba dos ceus,  
O christão, sapo da terra.

## A USURA

- Não te peço, afflichto rosto,  
Que me venhas procurar.  
35. Mas vens: e correr por gosto  
Não deve, acho eu, cançar...

## O GOVERNO

- Nem alphabeto nem escola!  
Quero-te assim, na cegueira.  
Jesus! que ideia tão tola  
40. Que teve o Conde Ferreira!

## O ALPHABETO

Ai! pobre de mim! quem ha-de  
Tirar-me d'esta prisão?!  
Sou como o preso na grade  
Dizendo-te adeus, co'a mão!

## O POVO

45. «Tudo o que ha triste na terra  
Tomára que fosse meu:  
Para ver se tudo junto  
Era mais triste do que **eu!**»
-

## AS DANÇAS POPULARES

## O vira

– Já temos a gente toda,  
Cantador. E' começares.  
Oscilla, move-se em roda  
A longa fila dos pares.

5. Maneis, Marias, á moda  
Do Minho, nos seus trajares,  
Mostram que sabem da poda  
E dão força aos calcanhares.

As cabeceiras e os lados  
10. Cruzam-se agora alternados  
Fazendo tremer o chão.

E a voz continua: – vira!  
Em quanto, tira-que-tira,  
Ri, já tonto, o **violão**!

---

## O regadinho

– Vá! Essa roda que siga  
P'ra o alecrim não seccar.  
Tu, rapaz, tu, rapariga,  
Dae as mãos para dançar.

5. Todo o circulo se liga  
Braço a braço. E ao desligar  
Como lá diz a cantiga  
– Vira par e troca par!

E' mexer, é fazer pó!  
10. Se o Regadinho seccou  
*Senefica* amor perdido!

Mas achá-lo-hia o moço  
Cuja voz vibra: «eu não posso  
Tirar de ti o **sentido!**»

---

## A ciranda

A Ciranda, dançadeira,  
Mais dançadeira que as mais,  
Egual á velha peneira  
De joeirar cereaes,

5. Móe os corações na eira  
Em meias voltas equaes,  
E se dá a volta inteira  
Vae nos compassos finaes.

São dezeseis, os compassos.  
10. Trocam-se pares, dão-se os braços  
E ha um improvisador.

As moças cheiram a linho.  
«'Stão ao pé do seu bemzinho,  
Não ha regalo **maior!**»

---

## O malhão

Quando chora, o coração  
Põe-se cá dentro a saltar!  
É como o triste Malhão  
Que só se dança a pular.

5. E n'esta contradicção  
Veem-se em fila formar  
Os pares, batendo o chão  
Para o compasso marcar.

Tu choras, Malhão, mas danças!  
10. Tens a alma das creanças  
N'um corpo de português!

Que admira pois, pae do fado,  
Que tu estejas virado  
«Co'a cabeça para os **pés**?»

---

## SONETOS

## Poesia dos caminhos

A MADEMOISELLE LOUISE EY

Ora olhem p'rá fita das estradas  
Que vão do norte ao sul de Portugal  
E confessem as almas delicadas  
Que nunca viram maravilha igual!

5. Cumes de monte, encostas escarpadas,  
Scismas no olivedo e no pinhal,  
Relvas humidas, aguas socegadas  
Correndo, á naturêsa, até ao valle.

10. Scepticismos de ortigas, humildades  
De piteiras, extremas das herdades,  
Tudo o que a paz das coisas repassou...

Ó ingenua bondade dos caminhos:  
Até o vento, p'ra te erguer aos ninhos,  
Ha-de primeiro desfazer-te em **pó**!

---

## A ultima volta

Foi na tranquilla paz do meio dia  
Que além, n'aquella nória soluçante,  
O macho se quedou n'uma agonia  
Que o fez tombar de patas p'ra deante.

5. 'Stava alagado n'uma espuma fria  
E tinha o peitoral resfolegante.  
– Que raio! Então a nora já não chia?  
Pensou em casa o guarda vigilante.

10. Paz profunda. Alongada, a perspectiva  
Suffocava na crúa chamma viva  
D'um sol d'agosto, ardente, abrazador.

– Eh! diabo! que partes a braçada!  
Corre o guarda. E tirando a cabeçada:  
– Então não foi morrer este **estupôr**?

---

## Madrugada

O gallo, inda dormiam as viellas,  
Como um frade na cella ou um guerreiro,  
Retezou o pescoço e as guelas  
E tres vezes cantou sobre o poleiro.

5. As gallinhas mexeram-se. E uma d'ellas,  
Extranhando a manhã do companheiro,  
Foi espreitar o ceu. Mas vendo estrellas  
De novo se aquietou no gallinheiro.

Que seria? E voltava a dormitar  
10. Quando ouviu bater sócos e gritar:  
– Que se avie! Está para nascer!

O gallo olhou a femea. Mas calada  
Ella pensava n'essa madrugada  
Que vinha, ha nove mezes, a [romper](#)...

---

## O correio rural

Tem a senhora Mestra, anciosa, a aldeia  
A' sua volta, para lhe ouvir ler  
A' indecisa luz d'uma candeia  
Erguida por um braço de mulher

5. Toda a longinqua e lugubre epopeia  
D'essas cartas de linhas a tremer,  
Umas, aonde a esp'rança ainda anceia,  
Outras, em que ella está para morrer!

Leu-as todas. Depois, ficou olhando.  
10.    Mas esse negro, eterno e triste bando,  
      Fixava alguem, 'smagado, a murmurar!

Era uma orphã pequenina, a victima:  
Uma creança tragicó-maritima  
Que cahira de bruços, a **chorar!**

---

## Velha fabula

Dois rebanhos, em fins do mês de maio,  
Trotam por uma estrada, ao sol poente.  
Ha no ar azul pallido o desmaio  
Da vida que recolhe lentamente.

5. Diz um pastor parando: – grande raio!  
Tivemos hoje agosto talqualmente.  
Volve o segundo: – talvez seja ensaio  
De v'rão que entre a rir-se já da gente.

10. Só o rebanho não se importa. Esse,  
Pasta e barriga ao ar. Até parece  
Que o lume, para elle, é de candeia.

Responde o outro: – então? são coisas velhas.  
Não bebe o sol nas tetas das ovelhas  
O leite com que cria a lua **cheia**?

---

## Gottas d'agua

Um fio d'agua cahe no tanque e chora,  
E soluça baixinho, sob estrellas,  
Com gottas hesitantes, na demora,  
Espaços gottejantes, entre ellas.

5. Gelam rosas ao frio que as descóra.  
Ao fundo, a lua, um rio, brancas vélas.  
E na paisagem recolhida, a Hora  
Tem a mystica paz de antigas cellas.

A agua canta, contínua, breve,  
10. Glú-glú, glú-glú, n'um fio todo neve,  
Timido, humilde, vigilante e fino...

E a agua chora! E julgo ouvir Alguem...  
Talvez, quem sabe? a voz da minha mãe  
Quando embalava, outr'ora, o seu **menino!**

---

## Cinzas dos lares

Boa avósinha, doce companheira  
Do meu perdido e conchegado lar  
Que tiravas a luz d'uma oliveira  
E vestias teus filhos do tear:

5. Voltasses tu, humilde tecedeira,  
Que teus olhos haviam de chorar!  
Apagaram-se as cinzas da lareira  
E se quiz linho, tive de o comprar.

10. Já não ha pão da tulha, agua da fonte,  
Lenha arrancada ás arvores do monte  
Nem colheitas caseiras, nos seus mezes.

Agasalho? Conforto? Vêm de fóra!  
Ai! enganavas-te, avósinha: agora  
E' que isto tudo é *roupa de francêses*...

---

## Troncos nús

Pobres e tristes arvores podadas  
Que da minha janella vi crescer  
E ha mais de tres horas, mutiladas,  
Que já não tendes braços para erguer:

5. A elles, quantas azas, assustadas  
Não vieram outr'ora lá bater!  
Almas d'aves, á luz das madrugadas,  
Os adeus dos Sóes-Postos, a morrer!

O' troncos nús, castrados e de rastros,  
10. Para que a vossa seiva enrije e abunde,  
Venha mais forte que da outra vez:

Que ainda vos ergaes até aos astros  
E a terra novamente vos fecunde  
No seu ventre de eterna **gravidez!**

---

## Inverno agreste

Ora a visinha não se fez esp'rar.  
E todas tres, á roda da lareira,  
Principiaram, lentas, a fiar  
Emquanto fóra uivava a inverneira.

5. Lembra a mais velha: – olha o que irá no mar!  
Hoje é que a morte é uma nau veleira!  
N'isto os fusos pararam de girar  
Entre os dedos de cada tecedeira.

10. Choravam. E os seus olhos, por instantes,  
Evocaram, suspensos e cerrados,  
A praia, um lar, um berço, uma viuva!

Bemditos sejaes vós, ó navegantes,  
Que ainda sois lembrados e chorados  
Nas lagrimas dos velhos e da **chuva**!

---

## O olhar de Deus

Por entre os vagos ramos d'um juncal  
Uma orbita d'agua esverdeada  
Olha, immovel, o vôo ascensional  
D'uma rôla de cauda acinzentada.

5. Cada arranco é tão lento e tão igual  
Na aragem transparente e socegada  
Que nunca deu talvez passeio igual  
Na sua eterna vida de assustada.

Um tiro. Um rodopio inconsciente.  
10. Agua ondulando. O pantano, por fim,  
Fica outra vez extatico e profundo.

Orbita verde, muda, indiferente,  
Turva e immovel: deve ser assim  
O olhar que Deus fixa sobre o **mundo!**

---

## Velha amiga

A boa companheira recolhida  
De cinco longos annos já passados,  
Que tinha uma existencia commovida  
E trazia estes olhos encantados,

5. Lembra agora, na minha despedida,  
E na paz dos seus ramos socegados  
Que acabou, afinal, a sua vida  
De nostalgicos sonhos perfumados!

10. Dedicára-se a mim, ás minhas horas,  
Extranhava as ausencias, as demoras,  
E se eu estava doente, que afflicção!

Amiga! adeus! A sorte está traçada!  
Talvez seja essa sombra amargurada  
Que os teus ramos projectam pelo **chão**!

---

## Saudade

O cego, um tocador de violão  
Conhecido do alto ao baixo Minho  
Que vinha a Coimbra pelo S. João  
Todo arrimado ao hombro do netinho,

5. Procurou um senhor cirurgião.  
E tanto em graça andou o seu caminho,  
Que depois de fazer operação  
Já se mettia a esmolar sósinho.

Morreu-lhe o neto. E houve quem 'stranhasse  
10. Que o velho novamente tateasse,  
Mão estendida, á clara luz do dia.

Mas alguém disse que elle fallára assim:  
– Deus me perdôe: eu penso que isto em mim  
São saudades do tempo em que não **via**!

---

## Lei do mundo

Vão tres rapazes para a sua escola  
Por um sol de asphixia, abrazador,  
Com os livros mettidos na sacóla  
E as testas pingando de suor.

5. E' longe a villa. Nem pardal, nem rôla,  
Nem um arbusto, bolem, em redor.  
N'isto passa na estrada a carriola  
Com os tres filhos do senhor doutor.

10. São camaradas. Ficam-na a olhar  
Suffocados de pó e a pensar  
O' pae dos ceus! como este mundo é!

Mas tu lá sabes, que o fizeste assim!  
Cá n'esta vida e para o mesmo fim,  
Uns vão de carro e outros – vão a **pé**!

---

## O nicho

Meio occulto na curva d'uma estrada  
Tem o seu nicho um santo popular  
Que viveu uma vida socegada  
Como a vida da lua sobre o mar.

5. Em volta, na parede esburacada,  
Silvas que o pó começa a amarellar.  
Longe, ha sussuros d'aguas de levada  
E borboletas a esvoaçar.

Quasi ao sol posto, o sacristão da aldeia  
10. Vae accender a tremula candeia  
Que expõe o santo a olhos penitentes.

E a minha ingenua crença portuguêsa,  
Lá vae alumando, com tristêsa,  
Buracos, silvas, coisas **indiff'rentes**!

---

## Extrema uncção

*(Do natural)*

A D. CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS

Levava o senhor Cura a extrema uncção  
De manhãsinha, o sol já era nado,  
Quando, ao dobrar caminho, o sacristão  
Ficou p'ra traz, olhando o pó, parado.

5. Parou tambem o senhor Cura. – Então?  
Mas em silencio, o acolyto, curvado,  
Apontou-lhe,— e tremia, a sua mão —,  
Um cacho de formigas esmagado.

– Santas alminhas! murmurou o velho.  
10. E unindo ao seu peito o Evangelho  
Na benção da paisagem e da luz,

Vista lançada á roda, inquieta, attenta,  
Mergulhou o hyssope n'agua benta  
E traçou, sobre ellas, uma [cruz](#).

Lisboa, julho de 1910.

## INDICE

# ÍNDICE

---

	PAG.
Dedicatoria.....	7
A Cruz.....	13
Ballada dos chocalhos.....	17
Lume apagado.....	21
Elegia das candeias.....	27
Elegia da Varanda Portuguêsa.....	31

## CANÇÕES

Canção do Pó.....	37
Canção do caruncho.....	41
Canção do degredado.....	47
Canção do povo.....	51

## AS DANÇAS POPULARES

O vira.....	57
O regadinho.....	59

	PAG.
A ciranda.....	61
O malhão.....	63

### SONETOS

Poesia dos caminhos.....	67
A ultima volta.....	69
Madrugada.....	71
O correio rural.....	73
Velha fabula.....	75
Gottas d'agua.....	77
Cinzas dos lares.....	79
Troncos nús.....	81
Inverno agreste.....	83
O olhar de Deus.....	85
Velha amiga.....	87
Saudade.....	89
Lei do Mundo.....	91
O nicho.....	93
Extrema uncção.....	95

ISBN: 978-1-300-83352-9